

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em *A Meta* de Darcy Penteadó

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## Resumo

Este texto objetiva analisar a obra *A Meta* de Darcy Penteadó, compreendendo como o escritor representou as homossexualidades, e sua dimensão multimórfica na década de 1970. Além de contextualizar as transformações sociais no chamado gueto homossexual paulistano e suas políticas do sexo, o texto relaciona a obra de Penteadó com essas transformações: a permanência do paradigma da discrição e emergência de um paradigma do desbunde. Metodologicamente, o texto é orientado pelo aporte foucaultiano e pelas pesquisas antropológicas a respeito das homossexualidades brasileiras, além de se basear em uma análise temática dos contos de Penteadó, sendo amparada por pesquisa documental em jornais disponíveis na Hemeroteca Digital. Defende-se a hipótese de que a prática literária de Penteadó é fruto das tensões provocadas pelo desbunde e pela contracultura, mas reforça representações das homossexualidades baseadas na discrição e na virilidade, contribuindo para a emergência de uma identidade gay em construção naquele momento.

**Palavras-chave:** literatura homoerótica; homossexualidade; ditadura militar; gueto gay.

## Abstract

The aim of this paper is to analyze Darcy Penteadó's book *A Meta*, understanding how the writer represented Brazilian homosexualities and their multimorphic dimension in the 1970s. Besides contextualizing the social transformations of the homosexual ghetto in São Paulo and its sex politics, the text correlates Penteadó's work with these social and sexual changes: the permanence of the discretion paradigm and the emergence of the *desbunde* or *out of the closet* paradigm. Methodologically, this paper is oriented by a Foucauldian approach and anthropological researches on Brazilian homosexualities, whilst also based on thematic analysis of Penteadó's short stories and being supported by documentary research of journals available at Hemeroteca Digital. I defend the hypothesis that the literary practice of Penteadó is a result of the tensions caused by *desbunde* and counterculture, on the other hand, it reinforces homosexualities representations based on discretion and virility, contributing to gay identity in emergence and construction at that moment.

**Keywords:** homosexual literature; homosexuality; military dictatorship; gay ghetto.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

*Na época da juventude da Branca de Neve, ser homossexual não era essa coisa divertida, permitida, brejeira, esportiva, compreendida, badalada, endeusada, incentivada, participada e apoteótica que é hoje. Nada disso! Mulher era mulher e homem era homem mesmo, bem machão, nada desses meios termos, desses travestis, desses andrógenos! Bichas ainda não eram bichas: as senhoras, ruborizadas por detrás dos leques, ao ter que citá-los falavam em “mariquinhas”. Os maridos os chamavam de “efeminados” ou “invertidos”; e para os jovens bem vanguarda, bem para frente, eles eram os “frescos” ou os “veados”. Na verdade, uns párias sociais, relegados à segregação como um bando de leprosos ambulantes, exibindo a sua podridão pelas ruas. Uma verdadeira tragédia!*

*(Conto de Fadas Número Dois. Darcy Penteadado, 1976, p. 60-61).*

## 1. Introdução

Em 1976, um bilhete clandestino passa a circular. Sem assinaturas dos organizadores, apenas UHB - União dos Homossexuais Brasileiros. Convocava a comunidade gay para se reunir no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, para a realização do I Congresso do Homossexual Brasileiro. No entanto, ao invés da celebração e debate organizados por gays, lésbicas e travestis, o maquinário militar inundou o espaço, com 8 camburões e 20 carros policiais (Quinalha, 2017). No mesmo ano, Ney Matogrosso realizava sua turnê do álbum *Bandido* e o jornalista Celso Curi foi processado por violação da moral e dos bons costumes por manter uma coluna voltada para homossexuais no jornal paulista *Última Hora*. E ainda, uma primeira tentativa frustrada de organização de um grupo de discussão homossexual após o retorno de João Silvério Trevisan de seu auto-exílio (MacRae, 2018).

Em meio a intensas regulações e repressões às vivências LGBTQ+ no final da década de 1970 no Brasil, começa-se a articular algumas primeiras organizações políticas e a intensificar a presença dessa diversidade em público, para além da dimensão privada. Esse novo clima político foi acompanhado de transformações nas práticas culturais. Se anteriormente, sobretudo

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

na década de 1950, o homossexual assumido estava circunscrito ao chamado *gueto gay*, é na década de 1970, que se emerge um certo paradigma de *estar fora do armário*.

Junto a isso, a emergência de textos literários explicitamente homoeróticos masculinos<sup>1</sup>, ou ainda, a publicação de livros que se reivindicavam enquanto uma literatura homossexual, e que foram ganhando notoriedade com a articulação política, principalmente após a fundação do jornal *Lampião da Esquina*, em 1978. Inicialmente, em 1967, foi publicado o *Histórias do amor maldito*, organizado por Gasparino Damata, e em 1969, o *Poemas do amor maldito*, organizado por Damata e Walmir Ayala. Ambos antologias de textos com teor homoerótico, fossem contemporâneos ou não. Entretanto, é na década de 1970 que a presença desses textos se torna mais presente na economia discursiva, dentre eles, Gasparino Damata, com *Os solteirões* (1975); Aguinaldo Silva, com *Primeira carta aos andróginos* (1975); Darcy Penteado com *A Meta* (1976) e *Crescilda e os Espartanos* (1977); João Silvério Trevisan, com *O Testamento de Jônatas deixado a David* (1976); Paulo Augusto com *Falo* (1976); e Caio Fernando Abreu, com *O ovo apunhalado* (1975) e *Pedras de Calcutá* (1977).

O recrudescimento da ditadura com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 1968 inaugurou um novo momento de repressão e controle das sexualidades, corpos e gêneros dissidentes no Brasil. As já existentes detenções e batidas policiais no gueto gay e nas áreas de prostituições alcançaram um novo nível de violência com as operações organizadas pelas delegacias dos grandes centros metropolitanos brasileiros, tendo como grande símbolo a Operação Limpeza do delegado Richetti, que em apenas um dia, prendeu mais de 700 gays, travestis e prostitutas no centro de São Paulo (Quinalha, 2017).

Além das políticas de “saneamento e higienização moral” estruturadas pelo Estado, é necessário apontar para a existência de um “projeto repressivo global” (Quinalha, 2017) que

---

<sup>1</sup> De acordo com Barcellos (2006), a noção de homoeroticidade pode ser tomada como transhistórica, sendo ferramenta analítica para diversos contextos. Dentro das práticas homoeróticas, é necessário localizar historicamente o homossexual no período moderno, a partir do século XIX e da sua invenção com as ciências médico-psiquiátricas, e o gay a partir da segunda metade do século XX. Esses termos podem ser tomados como sinônimos desde que localizados contemporaneamente, ou seja, é possível analisar subjetividades homoeróticas, homossexuais ou gays na década de 1970, mas não é possível analisar práticas gays no século XVIII.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

mobilizou para além das polícias, dos órgãos de censura ou da propaganda política, uma série de dispositivos disciplinares relativamente autônomos do Estado, como o chamado *Esquadrão mata-bicha*, uma organização privada e armada cujo objetivo era linchar publicamente pessoas LGBT+.

Esse projeto repressivo global condensou todo um arsenal discursivo e prático anterior que assujeitava a homossexualidade ao pecado, ao crime e à patologia. A permanência e a ativação contínua dessa máquina de violência foi um dos elementos fundamentais de sustento da ideologia civil-militar, que associava a homossexualidade à subversão, e portanto, uma ameaça à segurança nacional (Brasil, 2014). A nação devia, pois, combater a degeneração em prol da moral e dos bons costumes, reafirmando a lógica de estratificação sexual (Rubin, 2017). Embora o controle da sexualidade seja um dos pilares da política de Estado, toda essa política do sexo, que assujeitava e violentava os homossexuais, vai se construindo além das esferas estatais, em frentes de conflito ideológico, moral e territorial (Rubin, 2017), reforçando a política de dessexualização da esfera pública e endossando discursos e práticas em torno da discrição da sexualidade.

Todo esse arsenal pode ser, então, denominado de uma ditadura hétero-militar (Quinalha, 2017) ou ainda de uma ditadura cis-hétero-militar (Afonso-Rocha, 2021), profundamente alicerçada em políticas e práticas misóginas e racistas. Nesse sentido, o final da década de 1960 marca um denso retrocesso para as comunidades LGBT+ brasileiras, que vinham criando práticas políticas e culturais de resistência nas noites metropolitanas, marcadas pelos bares, festas e bordéis que abraçavam as minorias sexuais.

A partir desse contexto, o objetivo do texto é refletir sobre a inserção das práticas literárias de Darcy Penteadado, sobretudo em torno do livro *A Meta*, entre a discrição perpetuada pelas políticas ditatoriais e por parte dos hábitos do gueto e sua tensão com o clima do *desbunde guei*, ou o paradigma de *estar fora do armário*, da década de 1970. A hipótese construída é que a coexistência entre esses dois paradigmas se dá de maneira articulada e contraditória, de maneira que o desbunde criou condições para a proliferação de livros explicitamente

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

homoeróticos, tensionando o que pode ou não ser dito pela literatura, ao mesmo tempo que essa literatura, escrita pela *intelligentsia guei*, acaba por representar as dinâmicas homossexuais reforçando suas hierarquias internas.

Desse modo, o texto busca pensar em torno das contribuições de Darcy Penteadado para a criação de um novo imaginário homossexual, pressionado entre desbunde e discrição, que ao longo dos anos se consolidaria em torno de uma identidade gay ou guei, sobretudo a partir das articulações políticas posteriores. A reflexão é guiada pela compreensão de que os fluxos multimórficos das homossexualidades (Perlongher, 2008) estão dispostos pelas relações de poder através dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização dos códigos-territórios homossexuais (Deleuze e Guattari, 2010; Perlongher, 2008).

O argumento se divide, então, em três momentos. Inicialmente, o texto discute as transformações dos hábitos e práticas sociais do gueto homossexual paulistano entre as décadas de 1960 e 1970, e sua relação com a emergência do que posteriormente foi denominado e reivindicado como *literatura guei*. Nesse momento, busca-se delinear a tensão entre os paradigmas da discrição e do desbunde e seu impacto nas formas de organização do desejo homossexual. Em seguida, analisa-se as representações das homossexualidades na obra *A Meta*, buscando compreender as imagens construídas por Penteadado em sua primeira obra, bem como a presença desses paradigmas. E por fim, compreendendo que a literatura não é apenas sintoma de sua época, ou mero reflexo da realidade social que a produz, mas é dotada de um pôr reflexivo (Soares, 2014), que intervém e produz tensões e subjetivações na malha de poder, tenta-se refletir sobre as dinâmicas de desbunde-discrição e sua relação com as práticas literárias de Penteadado.

## 2. Políticas do sexo no gueto e a emergência da *literatura guei*

Entre 1958 e 1959, José Fábio Barbosa da Silva (2005), orientado por Florestan Fernandes, realiza o primeiro estudo sociológico a respeito do grupo homossexual masculino paulistano, que posteriormente foi denominado como um gueto gay (Perlongher, 2005;

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

MacRae, 2005). Silva identificou na região dos prazeres paulistana uma série de conflitos, tensões, as quais agrupou em um modelo baseado na dicotomia *ostensivos* – geralmente pobres, afeminados ou ainda michês; e *dissimulados* – classe média, com maior acesso à educação, cultura e arte, performando uma atitude discreta em relação à homossexualidade. Entretanto, apontou para a existência de uma gama de classificações interiores à essa dicotomia, como *bicha, babalu, gilete, bofe, enrustido, menina, macho e boneca*.

Desse modo, as comunidades homossexuais da década de 1950 já eram marcadas por uma disputa agonística<sup>2</sup> de classificações sociais, sendo atravessada por classe, raça e pela discrição enquanto critério de distinção e *status*, muitas vezes, tido como um ideal a ser alcançado. Embora ainda não fossem politizadas naquele momento, essas classificações podem ser compreendidas enquanto políticas, na medida em que estavam inseridas em relações de poder, produzindo e sendo produzidas, não somente por esse campo agonístico interno, mas também pela trama de poder da cisheteronormatividade, contestando-a, ressignificando-a ou, ainda, reproduzindo-a.

Segundo James Green (2022), a ditadura militar interrompeu o florescimento dessas práticas culturais homossexuais que vinham efervescendo desde o final da década de 1950 e impediu o surgimento de um movimento homossexual naquele momento, embora houvesse todas as condições históricas e sociais para tal, como aconteceu na Argentina e no México.

Entretanto, é na década de 1960, que um novo modelo começa a emergir entre as práticas homossexuais. Os trabalhos de Carmen Dora Guimarães (2004) e de Peter Fry (1982) identificam a emergência de um novo modelo dos *entendidos*, localizados principalmente na classe média urbana. Embora Green (2022) já identifique essa terminologia na década de 1940, esse termo começa a se popularizar como marca de discrição na década de 1960, estando presente no jornal *O Snob*.

---

<sup>2</sup> O agonismo em Foucault (1995) descreve o combate permanente e em curso de mudança das relações de poder, um embate entre resistência e poder, no qual a liberdade é ao mesmo tempo condição e exercício de possibilidade.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Esse novo grupo teria, então, rompido com a lógica hierárquica influenciada pelas demarcações de gênero entre ativo/passivo ou bofe/bicha. A partir das interlocuções com Clóvis, Perlongher acaba por traçar um pouco da história entre os dois modelos na noite paulistana. Em meados da década de 1960, o *entendido* estava associado aos grupos de vanguarda artística, sobretudo teatro, que também frequentavam alguns mesmos espaços de sociabilidade noturna que os homossexuais, como a Galeria Metrópole, mas a lógica do *entendido* “[...] era muito criticada, chamada “quebra-louça”, muito malvista; dizia-se que era coisa dessas ‘bichas loucas’, paranóicas, intelectuais, que estavam propondo esse modelo de bicha transar bicha.” (Perlongher, 2008, p. 92).

Gradativamente, o *entendido* começa a se tornar o *gay*. É então nos anos 1970, que o personagem *gay* se apresenta na trama agonística de poder do gueto, se sobrepondo às demais classificações.

O importante era que na época quem dava as diretrizes no mundo gay da classe média era a vanguarda teatral, mais intelectualizada. Eles acabariam impondo o padrão *gay/gay*. Já no início da década de 70 esse padrão bicha/bofe começa a se enfraquecer, perante a ideologia que começaram a propagar os teatrólogos. Nos anos 60 a bicha era mulher, e o bofe era o homem. Logo nos anos 70 esse esquema veio a ser questionado. Mas essa ideologia *gay/gay* foi logo incorporada, como está sendo incorporada agora a moda *gay-macho*. (Perlongher, 2008, p. 99).

Coexistindo com o modelo hierárquico, a lógica gay parece ter se cristalizado em torno de uma identidade, que passou a disputar as vivências homossexuais, se colocando como uma representação totalizante dessas vivências, na medida em que o gueto também tinha suas próprias hierarquias sexuais, estabelecendo dinâmicas de “sexo bom” e “mau” (Rubin, 2017).

Paralelamente à emergência desse novo modelo igualitário, ocorre uma importante proliferação de empreendimentos comerciais voltados para o mercado do gueto homossexual, como bares, discotecas e saunas (Fry e MacRae, 1991). Apesar da existência de estabelecimentos comerciais na região da República, como o *Caneca de Prata*, o *Jeca*, o *Barba Azul* e a *Galeria Metrópole* (França, 2010), é somente na década de 1970, que os lugares de

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

sociabilidade homossexual se expandem, carregando consigo não apenas as múltiplas categorias homossexuais e a coexistência dos modelos hierárquico e igualitário, mas também toda uma nova configuração cultural que emergia.

O início dos anos 1970 foi um momento em que as ideias de contracultura haviam se popularizado entre a juventude de classe média, desafiando os valores hegemônicos e desestabilizando códigos de gênero e sexualidade (Green, 2022). A convivência entre homossexuais, grupos artísticos, e os “novos grupos marginais urbanos” (Perlongher, 2008), como os hippies e rockeiros na noite paulistana pareceu contribuir para o clima de *desbunde gay*. Assim, movimentos artísticos como o Teatro Oficina, o tropicalismo, e figuras como Caetano Veloso, Ney Matogrosso e os Dzi Croquettes contribuíram profundamente para o estabelecimento dessa nova configuração cultural. Todo esse clima contracultural corrobora para a organização política no final da década.

Apesar do desbunde, a discrição continuou a operar nas classificações e modelos homossexuais. Assim, entende-se por discrição, uma espécie de paradigma que atravessou a produção das identidades homossexuais que as escamoteavam para os espaços privados, evitando e subalternizando ao longo do século XX aqueles que *davam pinta* em público. Dessa forma, a discrição perpassa os dois modelos de homossexualidade apontados pelos estudos antropológicos.

No modelo hierárquico (Fry, 1982), a discrição emerge subalternizando aqueles que performavam traços afeminados, a *bicha*, enquanto valorizava o *bofe*, discreto e masculino. Com a emergência do modelo igualitário dos *entendidos*, sobretudo na década de 1960, (Fry, 1982; Guimarães, 2004), a discrição opera enquanto distinção desse grupo, principalmente de classe média, em relação àqueles que seguiam a lógica *bicha-bofe*. Desse modo, a coexistência e a hierarquização dos modelos igualitário e hierárquico (Carrara e Simões, 2007) pode ser lida também por esse critério.

Na década de 1970, a discrição parece ser mobilizada com valor negativo, marcando aqueles que não assumiam publicamente sua sexualidade e não se envolviam nas práticas

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

militantes, mas também como “autoprodução de virilidade” (Perlongher, 2008) e masculinização da homossexualidade, na medida em que o gay másculo e discreto só se relacionaria com seu semelhante. Desse modo, ao mesmo tempo que o desbunde proporcionou a contestação de uma série de normatividades de gênero e sexualidade, a fração *gay* também abarcava um processo de intensificação da discrição e da virilidade como critério de distinção no gueto. Apesar de contraditórios, desbunde e discrição se mesclavam nas práticas e configurações homossexuais da década de 1970.

Dessa forma, essas *movimentações* homossexuais somente se tornam, de fato, um *movimento* homossexual nos anos 70 (Facchini, 2005), dentro de um contexto de gestação de novas formas culturais ao longo das décadas de 1950 e 1960. A emergência de um movimento *gay* – enquanto o conjunto de associações cujo objetivo é necessariamente, mas não exclusivamente a defesa de direitos das minorias sexuais (Facchini, 2005) – ao final da década de 1970 estava inserida primeiro, como fruto da gestação de formas culturais de resistência da década de 1950, mas, sobretudo, em um contexto marcado pela contracultura, derrota da esquerda armada, luta pelos direitos civis, organizações de mulheres, negros, estudantes e trabalhadores contra a ditadura, e os movimentos de liberação sexual, impactados pela rebelião de *Stonewall* nos Estados Unidos.

É nesse contexto que o ideal de discrição, mobilizado como critério de poder no interior das comunidades homossexuais, começa a dar espaço a uma outra lógica, de modo que “[...] o comportamento homossexual começou a sair dos recintos fechados para tornar-se público” (McRae, 2005, p. 293). Enquanto na década de 1950, o homossexual assumido estava em público sobretudo no chamado gueto e na vida noturna, na década de 1970, instaura-se a emergência de um certo paradigma de estar *fora do armário* ou de desbunde, marcado pela militância, exposição e autoafirmação e pela construção de identidades em oposição à forma anterior de cultura do segredo (Eribon, 2008). “Era a nova ‘tradição’ de confronto em vez de fuga” (Silva, 2005, p. 234), embora ainda não se tenha superado totalmente a lógica ou a epistemologia do armário (Sedgwick, 2007).

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

E esse fenômeno não escapou à literatura, pelo contrário, a emergência da chamada literatura *gay* ou *guei*, como foi reivindicado pelo jornal *Lampião da Esquina* como parte da *Biblioteca Universal do Guei*, foi possível devido a essa nova tradição, ao mesmo tempo que a impulsionou:

[...] com a receptividade do público de classe média às belas travestis, aos artistas andrógenos, às peças de temática homossexual e com o surgimento, enfim, de uma *intelligentsia* literária *gay*, a atitude popular em relação à homossexualidade começou lentamente a mudar. (Green, 2022, p. 430).

De modo geral, os estudos a respeito da literatura *gay* brasileira (Barcellos, 2006; Lopes, 2002; Costa, 1992; Lugarinho, 2008) fazem a distinção entre expressões da literatura homossexual ou homoerótica, e a literatura *gay* propriamente dita, na medida em que essa seria fruto de um contexto e identidades específicas e localizadas, histórica e culturalmente a partir da segunda metade do século XX, enquanto a literatura homoerótica pode ser entendida de forma ampla e transhistórica, agregando expressões literárias anteriores à própria noção de homossexualidade inventada no contexto médico-psiquiátrico (Foucault, 2021). A construção de uma definição ou de uma nomenclatura *adequada* em torno de uma literatura *gay* ou homoerótica permanece em disputa.

A *literatura gay* vem sendo entendida enquanto uma configuração homoerótica específica (Barcellos, 2006), emergindo em um sentido estrito nas décadas de 1960 e 1970, junto dos movimentos de liberação sexual (Woods, 1998) de maneira que “[...] literatura *gay* ‘pressupõe a existência de uma cultura *gay* articulada’ de que participariam tanto a instância enunciativa quanto o leitor implícito” (Mira, 1999, p. 352 *apud* Barcellos, 2006, p. 43). Nesse sentido, é nessas práticas culturais e nas comunidades *gays* que surgem os códigos, as práticas e as vivências a serem ficcionalizadas. Dessa maneira, para Mira,

A literatura *gay* exige uma voz homossexual, um ponto de vista homossexual na narração. Ao mesmo tempo, e isso é uma das características que com maior nitidez separa os textos homossexuais anteriores a Stonewall dos textos *gays*, pressupõe-se a existência de uma cultura *gay* articulada e com um significado político; a identidade *gay* é vista como um fato consumado e, ao mesmo

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em *A Meta* de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

tempo, como um projeto compartilhado. (Mira, 1999, p. 452 *apud* Barcellos, 2006, p. 79).

Cabe, pois, refletir sobre o status da obra de Darcy Penteadado e outros escritores da *intelligentsia guei* nesse contexto. Talvez não seja possível encaixá-la enquanto uma literatura profundamente articulada com uma identidade gay, na medida em que esta parece estar se construindo na década de 1970 enquanto tal, ou seja, deixando de ser mais uma categoria do gueto homossexual e se fabricando em uma unidade estável e coerente (Butler, 2018), disputando as representações da homossexualidade, inclusive na literatura.

Se no contexto estadunidense, a literatura gay após *Stonewall* está articulada com essa identidade construída pelo movimento político homossexual, talvez, no contexto brasileiro, o processo tenha acontecido de maneira inversa, de modo que a *literatura guei*, enquanto movimentação homossexual, tenha contribuído não somente para a emergência dos movimentos políticos, mas da própria identidade em si.

Propõe-se que a *literatura guei* da década de 1970 fez parte do processo de desterritorialização dos códigos vigentes na literatura em relação à homossexualidade, ainda marcados sobretudo pela não-enunciação ou implícito, disfarçado. Também des/reterritorializando os códigos do gueto homossexual por meio de suas políticas internas do sexo, se deslocando da lógica bofe-bicha rumo à cristalização de uma identidade gay propriamente dita, regida pelo modelo igualitário. Compreendendo o contexto literário e as transformações sociais nas vivências homossexuais ao longo da década de 1970, é possível aprofundarmos na obra de Darcy Penteadado, e como ela operou na economia discursiva desse momento.

### 3. Representações das homossexualidades em *A Meta*

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em *A Meta* de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Em 22 de outubro de 1976, Darcy Penteadado e outros seis autores<sup>3</sup> realizaram o lançamento coletivo de suas obras no Museu da Imagem e do Som, em São Paulo. Embora tenha sido figura recorrente nos grandes jornais, devido às suas exposições artísticas e à sua presença nas vernissages e encontros de elite, o lançamento de *A Meta* naquela noite foi pouco noticiado. Não impediu, entretanto, de ser mais um sucesso editorial da recém-criada editora *Edições Símbolos*, fundada por Fernando Mangarielo e Moysés Baumstein em junho daquele ano, e que já se destacara no mercado pelo feito inédito de lançar doze autores brasileiros ao mesmo tempo, vendendo quase metade da tiragem em poucos meses (Luppi, 1976, p. 35).

Não foi diferente com Penteadado. A contracapa de *Crescilda e os Espartanos*, lançado no ano seguinte, ressalta o esgotamento da primeira edição. Obra polêmica, sucesso nas vendas, mas não na crítica. Foi atacada de muitas formas diferentes: reduzida a uma autobiografia ou a uma caricatura, e claro, a polêmica da homossexualidade, escancarada. No prefácio de *Crescilda*, Penteadado faz um bricolage das críticas e comentários, dentre eles o de Baby Garroux no Diário de S. Paulo: “[...] Nunca vi um livro causar tanta polêmica! Assunto de todas as rodas, o que era de se esperar, já que todos conheciam e esperavam um Darcy antigo e lá veio ele gritando vontades e desesperos contidos” (Penteadado, 1977, p. 15).

Dos sete contos presentes em *A Meta*, cinco deles se constroem em torno da temática homossexual de maneira explícita.

### 3.1 *Engrenagens*

No conto, adentramos a mecânica mental do narrador, angustiado após mais uma briga com sua esposa Bárbara, que se deflagra novamente diante do ser-ou-não-ser: “[...] porque hoje, justamente hoje voltei a me preocupar com isso? E por que *esses* problemas? Sou um homem normal como qualquer outro, casado, tenho meus filhos, sou respeitado...” (Penteadado, 1976, p. 25).

---

<sup>3</sup> Flávio Moreira da Costa, com *Os Espectadores*; Henrique L. Alves, com *Sua Excelência - O Samba*; Paulo Rangel, com *O Carrssel e a Feiticeira*; Plínio Marcos com *Barrela*; Roberto Freire com *Cleo e Daniel*; e Roberto Valle, com *As Leopardas* (Wolf, 1976, 13).

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Esses problemas se referem a uma primeira experiência homoerótica na adolescência, com seu colega de escola Nando, ao qual possuía certa fixação quase masoquista, se submetendo às vontades deles e se excitando ao imaginá-lo transando, “[...] mas era nele, só nele que eu me concentrava [...] com os seus pêlos e com o seu sexo de homem entrado e saindo” (*Ibidem*, p. 26). Até que em um dia na ducha, após piscina, “[...] enquanto lhe ensaboava as costas, deslizei a mão até o seu sexo. [...] Mas ele deixara ali a minha mão, o sexo dele se avolumara, e ele a teria deixado mais tempo ou até disposto de mim para outras coisas, se a sua necessidade de me aviltar não fosse maior que...” (*Ibidem*, p. 26).

A represália de Nando, dizendo que isso não era coisa de homem, é o motor da narrativa, é a engrenagem da heteronormatividade patriarcal que faz o narrador tentar se reafirmar incessantemente ao longo da vida, casando-se cedo com Bárbara, saindo com prostitutas ou ainda estuprando uma namorada enquanto dormia no carro. “Aquele puto! Mudou o rumo da minha vida, me fez passar meia existência procurando provar o que não sou. Mas o que sou? Se tivesse tido coragem de assumir, mesmo depois, quanta coisa errada teria sido evitada...” (*Ibidem*, p. 29).

Na noite em que brigou novamente com Bárbara, decidido a se vingar de Nando, acaba seguindo um rapaz até um “bar de pederastas”, resolvendo assumir para si mesmo que se sentia atraído por ele. Contudo, o desejo pelo masculino permanece em atrito com seu processo de identificação de si:

[Ele] Deve estar me tomando por uma bicha qualquer. Bicha qualquer? Só se for como ele, pô! Mas ele não é bicha, é muito másculo, estranho que frequente aquele bar, mas dizem que existem homossexuais que não aparentam nada. Eu não me lembro de nenhum, todos os que conheço são mais ou menos afeminado. A menos que disfarçam bem. Como eu... *Mas eu não sou pederasta!* Sou casado, tenho filhos, eu... (*Ibidem*, p. 29).

Nesse momento, começa-se a adentrar as transformações da lógica do gueto. Em conflito com sua sexualidade, recusa a definição de pederasta e retira o estatuto de *bicha* do homem por quem se atrai. A articulação entre virilidade e discrição começa a aparecer, junto do novo modelo igualitário. Em seguida, no conto, o rapaz desaparece pelas ruas, e o narrador

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

acaba decidindo sair com uma travesti. “É... é diferente, meio mulher, meio homem. Como será na cama? E tem também o fato de que, se alguém conhecido me vir saindo com ela, não pensará por isso que aderi á pederastia [...] Passarei por excêntrico, gozador da vida, modernoso. [...] Resolvido: esta noite irei pra cama com a bicha.” (*Ibidem*, p. 31).

Esse excerto evidencia a fluidez entre as categorias de bicha e travesti na década de 1970, uma vez que a performance de feminilidade equipara, em certa medida, a bicha e a travesti, ambas subalternizadas na lógica de discrição e virilidade que começava a se impor mais rigidamente pelo modelo igualitário gay/gay. A travesti é, então, para o narrador, uma primeira entrada no mundo homossexual, é compreendida enquanto meio-termo, e por isso, deixa ser penetrado por ela, o que não permitiria com um homem.

Assim, o conto traz à tona não somente os conflitos internos derivados de um trauma na juventude, ou pelas marcas da heterocompulsividade, mas também como essa continua operante e significativa na forma como o personagem lê o mundo. Além disso, também ressalta a agonística das categorias e classificações homossexuais, guiadas pela hierarquia do viril e do discreto.

### **3.2 *Capim australiano, ou o amor para toda vida***

Em uma boate carioca, em que “Tudo o que lá fora seria bizarro, naquele ambiente passava a ser natural” (*Ibidem*, p. 35), um fazendeiro do Mato Grosso, dono de imóveis em São Paulo, se apaixona por um jovem professor de ginástica, que “[...] dançava lindamente, com uma sensualidade máscula e sem agressão” (*Ibidem*, p. 36). O motor da narrativa é a tensão entre amor e sexo. Na mesma intensidade e velocidade que o fazendeiro se apaixona, também se cansa do parceiro: “Depois de satisfeito sexualmente, ninguém sente amor por ninguém” (*Ibidem*, p. 38).

Para além do reforço da representação em torno de uma volatilidade das relações homossexuais – metaforizada no conto pelo cultivo do fazendeiro de capim australiano, o qual “ Cresce rápido e forte [...]” (*Ibidem*, p. 40), se espalhando em todo tipo de terreno – alguns

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

outros pontos são importantes no conto. Primeiro, a descrição do gueto homossexual e seus circuitos, a presença das boates entendidas, das saunas e de estrangeiros realizando turismo sexual no Brasil, quase etnografa o comportamento, o espaço e o trânsito sexual daquele momento.

Embora se possa criar a imagem desses espaços como locais de liberação sexual e permissividade, Penteadado traz à tona suas regras de comportamento e hierarquias do sexo, que estabelecem quem e como desejar. O erótico proibido pela heteronormatividade, perseguido pelos camburões policiais, tem vazão no gueto, mas é moldado pelo *ethos* da discrição e da virilidade. Isso é exemplificado pelo momento em que o fazendeiro vai aplicar sua “técnica de conquista” com o professor de ginástica:

O homem comprara uma rosa da menina que vendia flores na porta da boate. [...] foi que reparou estar dando uma “panca” danada de bicha, principalmente estando naquele lugar, com uma rosa na mão e à espera de uma bebida no balcão. “Homossexual sim, bicha nunca”; e escondeu a flor como pôde. (*Ibidem*, p. 35).

A contraposição entre homossexual e bicha, e a sua hierarquização a partir da virilidade e discrição reforça que mesmo o capim crescendo nos mais difíceis terrenos, ele não cresce de forma desordenada. O desejo erótico é regulado pelas morais do gueto, na medida em que o modelo *gay/gay* começa a se sobrepor com mais força. Os homossexuais de classe alta não querem ser comparados às bichas pobres, criando então diferenciações por meio de práticas divisórias de poder (Abu-Lughod, 2018).

Por fim, o conto se desfaz em torno do dilema do personagem principal, amar sem aprisionar seu desejo num esquema monogâmico:

[...] continuava pensando no trapezista e ralando-se de ciúmes ao imaginar que ele fora dormir com o estrangeiro. Que fazer? Estava apaixonado por ele, apaixonadíssimo. Estava e pronto, assunto terminado! [...] Mas a sua grande paixão pelo trapezista não o impediu de deixar já marcado um encontro com o jovem Édipo, para a semana seguinte. (*Ibidem*, p. 48).

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Na descrição do próprio Penteadado (1977), sua personagem é fútil e sujeita a apoteoses mentais, parecendo coadunar com a crítica ao livro, de que representa em sua escrita uma série de relações hipócritas e dissimuladas no gueto, sobretudo pelos endinheirados.

### 3.3 *Conto de fadas número um*

Em síntese, a história-anedota, baseada no conto da Borracheira, narra o encontro de uma bicha descrita como pobre, magra, “sem bunda” (1976, p. 49), desdentada e calva, com um jovem branco, loiro, forte, rico, de olhos azuis, que se apaixona perdidamente por ela. O encontro, no final, se revela apenas um sonho da bicha, que é acordada às pressas para ir trabalhar na fábrica.

O narrador vai construindo o bofe a partir de seus atributos positivos – imóveis em Copacabana, Ipanema, carros luxuosos, lua de mel na Europa, dinheiro investido no banco, fábricas, usinas, fazendas –, enquanto a bicha permanece recusando as investidas do rapaz e exigindo cada vez mais.

O jovem louro, radioso de beleza pura e ingênua, transbordando músculos e mais músculos da camisa italiana de jersey verde-turquesa, ergueu lentamente os olhos, agora ainda mais azuis pela submissa emoção [...]

Comeu-o com os olhos, mas apesar do enorme contraste entre ambos, ela se assemelhando a uma lombriga de pobre que tivesse sido colocada ao lado do Hermes de Praxíteles, muito desbotada e quase trinta centímetros menor que o outro, ela soberba, sobranceiras levantadas e nos lábios um sorriso de vitória, continuou gozando o poder do seu domínio [...]

- Existe ainda uma última condição. Sem ela, nada feito! [...] Pau de homem, para me satisfazer, tem que ter vinte centímetros! [...]

- Então o jeito é ver com algum bom cirurgião plástico se ele pode cortar alguns centímetros... (*Ibidem*, p. 51-54).

Destaca-se desse conto, a sátira em relação ao modelo *bofe-bicha*. A bicha, que talvez hoje possa ler lida como uma travesti, direciona seu fluxo libidinal ao ideal de masculinidade do bofe, o topo da hierarquia sexual. Se o drama do homossexual rico é equilibrar amor e sexo, o drama da bicha pobre é não ser amada pelo bofe, ou jamais alcançar ao padrão idealizado.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## 3.4. *Conto de fadas número dois*

Baseado na Branca de Neve, conta a história do afeminado Antonio Matoso, neto do primeiro rei do café paulista, da família tradicional dos Nunes Alvarenga, cuja situação financeira foi se deteriorando ao longo das gerações. Aos dezoito anos, com a morte dos pais, se muda para uma pequena casa da família, mas passa a ser ameaçada pelos irmãos de ser internada num hospital de alienados, após ser vista “caçando homens no Viaduto do Chá” (*Ibidem*, p. 60).

Com isso, a apelidada Branca de Neve se muda para a região da Avenida Paulista, tentando se refugiar da “fúria moralista da família” (*Ibidem*, p. 60) e acabou por ser a precursora homossexual nessa região, “[...] tomava seu posto [no bosque da Paulista], num banco de pedra próximo dos mictórios, passagem quase que obrigatória dos operários das construções. Entrava no mictório, trabalhava e saía tantas vezes fosse necessário [...]” (*Ibidem*, p. 61).

Seu desejo era continuar para sempre no parque, mesmo depois de morta. Depois de muitos esforços, seu pedido é atendido pelo prefeito “[...] interessado em transformar São Paulo num centro turístico-cultural, achou que o esquife da bicha poderia vir a cumprir essa finalidade” (*Ibidem*, p. 62). Depois de morta – a protagonista se mata comendo uma maçã com formicida, segurando as dores no estômago para não estragar-lhe a beleza das plásticas recém-feitas –, seu desejo é cumprido, e seu corpo depositado no esquife de vidro acabou por não apodrecer, sendo recebido como um milagre. “Santa Branquinha de Neve ou a Bicha Santinha. É assim, dessa maneira carinhosa que os fiéis chamam aquela que será a primeira santa brasileira” (*Ibidem*, p. 63).

A narrativa parece revelar novamente a bicha como categoria nativa do gueto homossexual da década de 1970 enquanto circunscrita à pobreza, ao sexo em espaços públicos, ou como se diz atualmente ao *cruising*.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

## ***3.5 A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social***

O conto narra uma semana na vida de um engenheiro rico, transitando entre seu escritório, vernissages, coquetéis, eventos sociais e aventuras sexuais. Logo na segunda-feira, uma “despedida deliciosa” (Ibidem, p. 70) com seu namorado alemão Arnold, que vai para o Rio de Janeiro, ser fotografado para a *Vogue Oumo*.

Na terça, levou Arnold para o aeroporto e se encontrou com um ex-amante, que bateu à sua porta para consultá-lo a respeito de negócios.

O mais velho continuou analisando o outro, nos seus cabelos recém-cortados, nos pêlos do peito saindo pela camisa aberta, observou as unhas limpas, sentiu o cheiro da água de colônia e do sabonete do banho recente, e desceu os olhos para as partes, onde os músculos das coxas faziam força contra as costuras da calça. [...] Ambos haviam jantado pouco de propósito. Ele preparou dois *whiskies*, foram para o quarto e fizeram sexo na meia claridade. (Ibidem, p. 71).

Na quarta, limpeza de consciência – “Ele também deve ter ‘badalado’ por lá, ontem à noite” (Ibidem, p. 71). Seu plano era ir sozinho ao cinema e em seguida voltar para casa e dormir, mas acabou indo “caçar numa sauna”, e encontrou um japonês lutador de karatê, com quem já havia transado.

Era bonito, o máximo que um japonês pode ser bonito para o nosso gosto ocidental: pequeno e entroncado como uma árvore, músculos talhados em pedra, pau pequeno, mas uma bunda divina. E dentes perfeitos, todo ele enfim de uma estrutura saudável – mas era o mito do exotismo pulando na “cuca” do outro, o que fazia o japonês mais atraente aos seus olhos.

Um desperdício de energia e sensualidade fazer qualquer coisa ali na sauna, em pé e com as bichas à volta tocando, encoxando, chupando. O japonês concordou.

Foram para o apartamento [...] (Ibidem, p. 72).

Na quinta, uma promessa de abstinência, quebrada durante a tarde, quando sentiu vontade de rever um decorador de interiores, enrustido, um caso de um amigo dele. “[...] o prazer morno de trair o amigo de quem o outro era amante, e aquele corpo parecendo uma sonata de Debussy, ali em pé, na sua frente, colorido pela luz das bolhas de cera, devolveu-lhe

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

o desejo sexual que não esperava ter, depois dos desgastes das noites anteriores” (*Ibidem*, p. 74).

Na sexta, planeja ir passar o final de semana no Guarujá. Saiu pelo dia para encomendar roupas para ele e Arnold, para uma festa à fantasia, estilo 1920’s, na próxima semana. Uma breve ligação com seu namorado:

- Olhe, lá, não me traia, heim? [Arnold responde que]
- E focê, está me trairando muito?
- Imagine! Quem sou eu para isso? Um velho de quase cinquenta anos... Tenho estado cansadíssimo, trabalhando muito. Do escritório venho para casa e nem coragem tenho para um cinema. (*Ibidem*, p. 78).

Desiste de ir para o litoral, para ir a uma festa, para rever um jovem, filho de um casal de amigos. Fazia dez anos que não via o rapaz, e suspeitava pela “[...] voz do outro lado da linha, poderia ser de ‘entendido’ – só por isto, o garoto virá comigo para a cama? Bem, ele estudou sete anos na Inglaterra, mas isto não serve obrigatoriamente como diploma de pederastia...” (*Ibidem*, p. 68).

Não conquista o rapaz. Decide ir a uma boate, e em seguida, procura um michê pelas ruas. Encontra “[...] dois meninos imberbes e com corpos ainda infantis, mas com as mãos nos bolsos das calças projetavam os sexos para frente, afim de aumentar o volume. ‘Sou depravado, mas ainda não cheguei a esse ponto’” (*Ibidem*, p. 87). Por fim, se depara com um jovem “[...] entroncado, forte, gênero nortista, aparentando estar pelos dezenove anos” (p. 87). O rapaz começa a reclamar da sua situação de miséria e fome, e o engenheiro aproveita a sua vulnerabilidade para fazer com que o rapaz fosse penetrado por ele.

- O rapaz gemeu muito. Deveria ser mesmo um iniciante.
- “Não foi nada muito especial”, concluiu ele depois, meio enjoado. Mas fora excitante poder aviltar o outro até aquele ponto. Assim sendo, compensara. [...] No dia seguinte acordou uma hora mais tarde do que planejava e chegou ao Guarujá [...] Fez os seus esportes costumeiros e, nesse fim de semana descansou como um justo ou melhor, como Deus no sétimo dia, depois de ter criado o mundo. (*Ibidem*, p. 88).

Para além do retrato de sexualidade liberada, é importante ressaltar as intersecções de classe e raça nesse processo. A raça é acionada como disparador erótico, como no caso do

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

personagem japonês, e como critério hierarquizador, no caso do michê, que junto à sua condição de classe, permitiu que seu corpo fosse negociado para além dos limites que estabelecera. A submissão do michê por meio da hierarquia de classe é também disparador erótico para a personagem principal. O gozo, então, está relacionado aqui ao poder, e é atravessado por ele, determinando quem pode ser sujeito do desejo erótico: “Não tinha jeito de bicha e isso era bom, para a sua vida profissional. Para a sexual também, porque os ‘entendidos’, principalmente os jovens do gênero que apreciava, eram ligados a esportes, preferindo a companhia de quem não desse ‘pinta’.” (*Ibidem*, p. 69).

Assim destaca-se novamente a presença da moralidade homossexual e a regulação do comportamento erótico, sobretudo a partir da criação de um *Outro-bicha*, marcado pela feminilidade e pela não-discrição.

#### 4. Desbunde e discrição nas práticas literárias de Penteado

A literatura de Darcy Penteado é filha, então, do desbunde. É a emergência de uma nova forma de lidar com as homossexualidades, a partir das experiências contraculturais, das expressões artísticas que tendiam à androginia, ou ainda, da popularização de peças de teatro que abordaram o tema e shows artísticos feito por travestis e populares nas classes médias e altas, que permitiu que a literatura pudesse deslocar o enunciado a respeito da homossexualidade. Darcy evidencia essas dificuldades na seguinte entrevista realizada para *O Pasquim*:

Podia-se fazer referências ao homossexualismo, escrever sobre homossexualismo, mas só como ficção, o escritor colocando-se de fora: “Eu observei que é assim...” Ou então: “Fulano transou com Fulano... mas eu não! Tava só observando”. Vários se escoram no fato de serem cientistas, psicólogos, etc. Mesmo hoje, a literatura homossexual continua marginalizada, apesar do caso do Gasparino Damatta. (Penteado, 1985, p. 11).

Nesse sentido, a literatura que posteriormente foi reivindicada pelo movimento homossexual enquanto uma literatura guei fez parte das transformações ocorridas a nível das

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

políticas do sexo. Assim, enquanto uma prática literária que compôs a gestação de novas formas culturais e sexuais em meio ao desbunde, a literatura guei resistiu às tentativas de dessexualização do espaço público, expressas nos esforços das políticas de censura – como a Lei de Imprensa (Lei n. 5.250/1967), e o Decreto-Lei n. 1.077/1970 – que tentaram expurgar as expressões que atentavam à “moral e aos bons costumes”.

Desse modo, ao trazer à tona aquelas sexualidades dissidentes, consideradas “maus” ou exteriores à hierarquia sexual (Rubin, 2017), a obra de Darcy Penteadado se insere no interior dessas disputas a partir do próprio paradigma do desbunde, contribuindo para a gestação ou a retroalimentação dessas novas práticas culturais e das movimentações homossexuais (Facchini, 2005). Entretanto, se as práticas literárias de Penteadado são filhas do desbunde e do tensionamento das políticas do sexo, talvez a representação nelas traçada evidencie a complexidade da relação e da sobreposição dos paradigmas do estar fora do armário e da discrição.

A partir da análise temática dos contos de *A Meta*, é possível observar, para além da enunciação das práticas sexuais de desbunde, que elas também eram, em alguma medida, reguladas por uma série de regras de comportamento e de aparência, que determinavam quem e como se pode transar, ou seja, determinavam quem era sujeito erótico e quem ocupava posições menos privilegiadas na hierarquia sexual do próprio gueto. Nesse sentido, Penteadado evidencia que a sobreposição entre desbunde e discrição, entre modelo igualitário (*gay/gay*) e modelo hierárquico (*bofe/bicha*) se deu em complexos arranjos, que fabricavam sexos “bons” e “maus” (Rubin, 2017) no interior das relações homossexuais.

Entretanto, Penteadado não somente evidencia, mas também faz parte desses arranjos, enquanto *nativo* dessas relações. Assim, enquanto parte de uma *intelligentsia* entendida, acabou por transportar essas hierarquias para a própria prática literária, de maneira que a representação acaba por cindir de um lado, o homossexual, viril, frívolo e hipócrita, mas ainda respeitável, e por outra, a bicha ou a travesti, afeminada, pobre e sempre motivo de sátira. Nesse sentido, talvez seja possível pensar em como as práticas literárias dessa *intelligentsia* contribuíram para

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

criar uma nova representação de homossexualidade, que depois é reivindicada pelos movimentos políticos, que privilegiava a categoria dos entendidos, em detrimento às demais do gueto.

Consequentemente, talvez essas representações acabaram por contribuir para a formulação da nova identidade gay que estava em emergência. Ou seja, as práticas literárias podem ter criado uma espécie de *cartão de visitas* do gueto homossexual naquele momento, ao publicizar uma imagem a partir da qual “Novos padrões estariam sendo estabelecidos e a linha de demarcação, entre o permitido e o proibido simplesmente mudaria de lugar. Aceitaria-se, por exemplo, o “homossexual comportado” [...] mas continuaria a rejeição daqueles personagens mais incômodos, como os travestis [...]” (MacRae, 2008, p. 69). Dessa forma, a articulação desbunde-discrição parece ir criando uma desterritorialização da bicha rumo à uma reterritorialização do gay, e a literatura está inclusa nesse processo.

Em síntese, se o estar fora do armário cria as condições de existência de uma literatura que se reivindique como homossexual, essa literatura fora do armário por sua vez traz à tona o complexo jogo de poder presente no gueto, ao mesmo tempo que faz parte desse jogo, modelando a visão pública que se quer em torno do homossexual. Esse último aspecto é criticado por Paulo Hecker Filho, e acaba sendo admitido por Penteadado:

Meu livro dá um quadro parcial do homossexualismo (tem razão o Paulo Hecker referindo-se às omissões), porque ele só pretendeu mostrar alguns episódios e, se possível, não defender teses [sobre o homossexualismo] [...] O que noto, porém, e me diverte é que Hecker, com alguns outros, insiste em que o livro seja autobiográfico. (Penteadado, 1977, p. 19).

Por fim, pode-se pensar também a respeito da recepção da obra de 1976, ou quais foram os efeitos dela quando inserida numa determinada economia dos discursos. Partindo da concepção foucaultiana de dispositivo da sexualidade, compreende-se que o dispositivo é uma rede de articulação entre discursos, instituições, práticas, concepções morais, filosóficas e científicas, além do dito e do não dito (Foucault, 2016). No caso da sexualidade, esse dispositivo acaba por colocar o sexo enquanto manifestação da verdade. Ou seja, a partir do modelo

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

jurídico-religioso da confissão, é possível extrair o que se supõe verdade a partir do sexo (Foucault, 2021).

A publicação de Penteadado foi recebida enquanto um “sair do armário” pela mídia, embora afirme que “[...] nunca fiz questão de esconder nada da minha vida!... Na verdade, não fui eu que assumi as ‘verdades’, mas a própria imprensa nacional, que até bem pouco tempo não tocava em certos assuntos considerados ‘imorais’...” (Penteadado, 1977, p.11). Nesse sentido, o livro é encarado enquanto autobiografia ou confissão de Penteadado a respeito da sua homossexualidade.

Ao mesmo tempo, a obra, em circulação no dispositivo, pode ter sido lida enquanto verdade ou retrato do gueto, corroborando a consolidar uma imagem específica do homossexual, na medida em que a identidade gay estava em vias de construção naquele momento.

Ademais, o discurso sexual em circulação passa a ter conotação política. O autor reforça no prefácio de *Crescilda e os Espartanos* que não desejava defender teses em torno da normalidade ou não da homossexualidade, e que o teor militante de *A Meta* foi circunstancial, “De repente vi que estava fazendo literatura de ambientação homossexual – indiretamente de defesa do homossexual” (Penteadado, 1977, p. 21). No ano seguinte de publicação de sua primeira obra, Penteadado já era citado como um “verdadeiro líder do povo gay” (Damata, 1977, p. 6), ou ainda que “Desde o dia em que Darcy Penteadado resolveu assumir o seu homossexualismo publicamente com o seu livro autobiográfico *A meta* que o gay power em São Paulo não é mais o mesmo.” (Bivar, 1977 *apud* Green, 2022, p. 429-430).

É numa certa economia dos discursos circunscrita nesse contexto do desbunde homossexual que a obra de Darcy Penteadado vai adquirindo uma conotação política. Com a vinda do editor do jornal californiano *Gay Sunshine*, Winston Leyland, essa conotação ficará mais forte e Penteadado ganha espaço na composição do comitê editorial do Lâmpião da Esquina, fundado em 1978. Nesse sentido, ao ilustrar o gueto homossexual, Penteadado aciona um mecanismo literário, que acaba compondo uma tática dentro da estratégia política de

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

subjetivação (Foucault, 2021) em torno da homossexualidade e político de subjetivação. Além de expor o multimorfismo agonístico das homossexualidades, a complexa articulação entre desbunde e discrição, mas também, enquanto parte da *intelligentsia entendida*, hierarquiza as categorias homossexuais, talvez corroborando para a construção de uma identidade gay naquele momento.

## 5. Considerações finais

A prática literária de Darcy Penteado se inseriu no contexto de efervescência das movimentações homossexuais paulistanas, sendo fruto de uma gestação contracultural e de tentativas de deslocamentos das políticas sexuais da ditadura militar. Ao representar o gueto homossexual à esfera pública, Darcy traz à tona o que era negado, sobretudo pela literatura, de ser dito. O não-enunciável homossexual ganha ampla circulação a partir da posição de destaque de Penteado enquanto figura pública e a partir das políticas editoriais da *Edições Símbolo*.

Essa representação, contudo, é mediada pelas experiências de Penteado enquanto parte da *intelligentsia entendida* da década de 1970, de maneira que não apenas ilustra as hierarquias e as dinâmicas de poder do gueto, mas também as reforça a partir de caricaturas moldadas não somente pelo paradigma da discrição e da autoprodução de virilidade, mas também pela maneira como esse paradigma é construído a partir de práticas divisórias raciais, classistas e generificadas. Desbunde e discrição atravessam, pois, a prática literária de Penteado, tanto em suas condições históricas de produção, quanto na forma de representar as homossexualidades.

Compreendendo que sua literatura está inserida no dispositivo da sexualidade, é possível refletir a respeito dos processos de subjetivação que se imbuem na estética, uma vez que as “produções de subjetividade escapam dos poderes e dos saberes de um dispositivo para colocar-se sob os poderes e os saberes de outro, em outras formas ainda por nascer.” (Deleuze, 1990, p. 4). Desse modo, talvez seja possível pensar na contribuição de Darcy no processo de subjetivação de uma identidade homossexual, que se sobressai na agonística multimórfica e se cristaliza alguns anos depois com as articulações de movimentos políticos.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Assim, cabe ainda aprofundar se e como a obra de Darcy Penteadado e a chamada literatura guei se relacionou com o dispositivo militar de sexualidade. Se por um lado, a literatura de Darcy criou linhas de fuga e de subjetivação a partir do desbunde, cabe ainda questionar em que medida se colocou sob outras formas de saber-poder que estavam por vir, como a própria identidade gay em construção naquele momento.

## Referências bibliográficas

ABU-LUGHOD, Lila; REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva do; DURAZZO, Leandro. A Escrita contra a cultura. **Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [S. l.], v. 5, n. 8, p. 193–226, 2018.

AFONSO-ROCHA, Rick. Resistência bicha na literatura ctônica do Lampião da esquina. **Raído**, [S. l.], v. 15, n. 38, 2021.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e homoerotismo em questão**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade: textos temáticos**. Vol. 2. Brasília: CNV, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARRARA, Sérgio. SIMÕES, Júlio Assis. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. **Cadernos Pagu**, n. 28, 2007, p. 65-99, 2007.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

DAMATA, Gasparino. Nossos alegres rapazes da banda. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 436, p. 6.

DELEUZE, Gilles. O que é um Dispositivo. Que és un dispositivo? In: **Michel Foucault, filósofo**. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas no anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. 2010. 291 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

FRY, Peter. **Para inglês ver**. Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Editora brasiliense, 1991.

GREEN, James. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2022.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

LUPPI, Carlos Alberto. O autor nacional, bem administrado, vende. **Jornal do Brasil**, ano 86, n. 47, p. 35, 25 mai. 1976.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. p. 291-308.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

PENTEADO, Darcy. **A meta**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1976.

PENTEADO, Darcy. **Crescilda e os Espartanos**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.

PENTEADO, Darcy. Darcy Penteado escancara. [Entrevista cedida a] Jaguar e Mara Teresa. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 852, p. 11-13, 1985.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteado

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERLONGHER, Néstor. Territórios marginais. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2005. p. 263-290.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N-1 edições, 2014,

QUINALHA, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SILVA, José Fábio. O homossexualismo em São Paulo: um estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e**

SOARES, Eliane Veras. Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 81-92, 2014.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015, 244 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015.

WOLF, Thereza Bueno. Hoje... **A Tribuna**, São Paulo, ano 83, n. 209, p. 13, 22 out. 1976.

WOODS, Gregory. **A History of Gay Literature**: The male tradition. New Haven/London: Yale University Press, 1998.

# Desbunde, discrição e identidade homossexual em A Meta de Darcy Penteadó

RUBENS ARLEY DE ALMEIDA JUNIOR

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

**Original recebido em: 30 de novembro de 2025**

**Aceito para publicação em: 16 de janeiro de 2026**